

PRESSUPOSTOS PARA UMA PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR *

Joaquim Fernando Pimentel Fernandes

INTRODUÇÃO

Tomando por referência a concepção de currículo como uma realidade complexa, que envolve a vida dos alunos, dos professores e da Instituição Educacional, temos que definir alguns marcos conceituais, sobre os quais se fundamentará uma proposta de reformulação curricular no contexto histórico que a Universidade e o próprio País estão vivenciando.

O primeiro marco é o próprio grau de mudança que se deseja. A elaboração de um currículo novo, para um curso ou instituição que se inicia, difere muito da mudança curricular ou do aperfeiçoamento ou aprimoramento de planos já existentes, em instituições que se encontram em pleno funcionamento.

No caso da presente proposta, o que se pressupõe é uma reformulação, que, embora abrangente, não é total, isto é, não se propõe mudar todo o currículo dos cursos, nem se tem em vista a criação de cursos novos, cuja sistemática seria diferente.

Um segundo pressuposto é o caráter de serviço da Universidade para com a Comunidade. Isso significa afirmar que os tipos de clientela que os profissionais encontrarão, no Estado, na Região ou no País, com suas necessidades e aspirações, aferidas com os tipos e a qualidade dos serviços prestados em função dessas clientelas, servem de parâmetros para se delinear o perfil do pro-

(*) Os pressupostos aqui apresentados fazem parte de uma proposta encaminhada pelo autor, na qualidade de assessor curricular, à PR/GR da UFC, em junho de 1985, para os cursos da área de saúde. Alguns cortes e adaptações foram feitos tendo em vista a possível aplicação da proposta a outros cursos.

fissional desejado e averiguar até que ponto ele está sendo formado pela Instituição Universitária.

Não se pode esquecer ainda que a socialização de muitas profissões é uma realidade para a qual se caminha de modo irreversível. É um sinal dos tempos e não há como retrovertê-lo. Essa realidade traz imensas conseqüências na postura do profissional, na sua maneira de encarar o homem, nas suas aspirações profissionais e até na ordenação do saber, em termos práticos.

Enfim, o desenvolvimento da psicologia, da sociologia e de outras ciências voltadas para o entendimento e o bem-estar do homem exigem que o profissional de hoje não seja mais um auto-suficiente. A visão global do homem, em seus múltiplos aspectos, exige a integração multidisciplinar, para que se consiga a visão da unidade na multiplicidade dos conhecimentos.

A especialização, cujo mérito e até necessidade não se nega, jamais deve excluir a visão do homem, como um ser envolto em relações e interações, muitas vezes antagônicas, no plano social, psíquico, econômico, afetivo, além do meramente físico e biológico. E essa visão deve ser parte do currículo, não apenas em termos cognitivos, mas vivencialmente, globalmente.

Sobre tudo isso, mister se faz uma profunda reflexão e um reajuste de conteúdos, objetivos, métodos e outros fatores, o que já se vem fazendo sentir pela comunidade acadêmica de muitas IES.

Busca-se um reajuste, que deve ser lento, para não violentar pessoas ou obstruir o que se vem fazendo de válido. Talvez se levem alguns anos para alcançar uma mudança generalizada de conduta na Instituição, mas algo tem que ser feito desde já. A reflexão em todos os níveis da Comunidade Acadêmica, a partir da prática vivenciada pela Instituição, é o primeiro passo de um processo de reformulação, que deve ser tão dinâmico quanto o homem e, por isso mesmo, nunca estará inteiramente concluído.

1. REQUISITOS

Dada a complexidade do problema em suas várias facetas, torna-se importante demarcar algumas limitações e estabelecer alguns requisitos indispensáveis para a viabilidade do plano, que ora se propõe. Esses requisitos, uma vez assumidos, transformar-se-ão em metas, que, no seu conjunto, vão constituir o plano global.

1.1. *Análise global do curso*

A visão seccionada do saber, tanto em termos horizontais, quanto verticais, parece um sério fator limitante para se alcançar

uma reprogramação curricular. Daí ser um dos requisitos do presente trabalho a obtenção, como dado prévio, dessa visão global, em todas as matérias que integram os cursos, com suas respectivas disciplinas, sugerindo-se que cada docente tenha conhecimento das conexões feitas com o saber veiculado por ele, antes e após sua disciplina, tendo em vista as finalidades maiores do curso. Seria interessante uma análise da práxis educativa, em que todos descobrissem suas próprias contradições e as do sistema a que estão servindo.

Não se trata ainda de mudar e sim de ver, num primeiro momento, como o curso está organizado, obter uma visão epistemológica e utilizar esses dados como fonte de reflexão. Questionar o valor do saber transmitido, à luz do saber útil, necessário, libertador, que seja um instrumento de mudanças, sem perder a conotação de universalidade.

1.2. *Análise Institucional*

É importante examinar a estrutura universitária, na área em que se pretende intervir: recursos materiais e humanos disponíveis, em função das grandes atividades que o curso realiza atualmente. Definir as potencialidades, o grau de ociosidade, os níveis de depreciação e as carências sentidas. A estrutura de poder, até o nível da sala de aula e outros elementos que interferem, facilitando ou impedindo um desempenho solto, criativo, não dominador na Instituição.

1.3. *Análise de Contexto*

É comum falar-se, em todo o País, sobre a missão da Universidade e sua vocação no contexto em que cada IES está inserida. Espera-se estar formando recursos humanos capazes de encaminhar soluções para os problemas do povo. Existe, todavia, pouca preocupação em conhecer as reais necessidades desse povo. O profissional de hoje depara-se com uma problemática social muito complexa e extremamente diferente de algumas décadas atrás, quando ser médico, engenheiro ou advogado, por exemplo, era ter praticamente assegurado o futuro financeiro pessoal. Daí ser difícil realizar um trabalho de reformulação curricular autêntico sem levar em consideração os direitos do aluno, como cidadão, membro de uma sociedade e com aspirações legítimas de realização como ser humano.

Igualmente necessário se faz identificar os vários tipos de clientela em cada área e suas diferentes aspirações e exigências, seja a clientela do médico, do dentista, do professor, do agrônomo ou

de qualquer outro profissional. Quais os fatores impeditivos da equalização social, que são veiculados por cada profissão; quais as forças contraditórias que fazem com que o recém-formado logo passe a definir-se numa postura de elite, mesmo que sua origem seja de camadas não elitizadas.

A partir daí se refletirá sobre os diferentes desempenhos para os quais a Universidade deve preparar esses profissionais. Com base nesses desempenhos, será discutido o perfil profissional de cada curso, envolvendo conhecimentos, valores e posturas. E de modo aberto, flexível.

1.4 Análise da Integração docente-discente

A integração universitária ainda deixa muito a desejar, em todas as áreas. O saber é quase sempre transmitido de modo estante e, no mais das vezes, um professor não sabe o que se passa na sala de aula, que está separada da sua apenas por uma parede. O professor universitário antigo era tão "liberal" ou "autônomo" que não aceitava que alguém viesse a "mexer em sua panela". E essa mentalidade ainda tem muitos herdeiros ou continuadores.

Embora a Lei n.º 5540/68 tenha retirado o "domínio" ou "senhorio" do professor sobre a disciplina — a cadeira ou cátedra, muitos ainda se sentem donos do assunto.

O aluno foi obrigado a dispersar-se, pelo sistema de créditos, e sua participação nos colegiados tem sido praticamente nula, por obstáculos legais, cujos méritos eram discutíveis e que, felizmente, estão sendo removidos. (1)

Enfim, temos vivido, nas últimas décadas, um seccionamento da vida universitária, uma departamentalização divisionista, que não tem contribuído para integrar o saber e buscar aquele mínimo de unidade na diversidade, capaz de constituir o que se denominaria de uma verdadeira visão universitária.

Torna-se pois um requisito imperativo da reformulação curricular pretendida proporcionar uma integração dos docentes entre si, dos discentes entre si e das duas categorias: docente-discente.

Para isso, criar-se-ão mecanismos simples, tais como: seminários, painéis, mesas-redondas, comissões de estudo e outros instrumentos.

A mudança supõe a troca de idéias. Não se deve buscar a homogeneização, a padronização uniforme dos modos de pensar e agir, pois a homogeneização poderá transformar-se em instrumento de dominação, limita o desabrochar das potencialidades e empobrece o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

(1) Este trabalho foi revisado em outubro/85.

O que se deseja é uma integração, que permita a troca de idéias, o encontro de pontos de referências comuns ou convergentes nos aspectos mais essenciais, o respeito pelas idéias e ações do colega profissional, sem deixar de contribuir para que o curso tenha uma linha de conduta aceita pela maioria, uma filosofia de ação nas suas grandes linhas, que serão transformadas em metas. As contradições serão instrumento de aprendizagem e, a cada dia, a práxis educativa revelará novos conhecimentos de cada grupo, de cada indivíduo e na Instituição como um todo.

É importante que haja diversidade no pensar, mas também que não se lance o aluno em incoerências inúteis e que não se lhe omita uma visão global do curso, sem dar-lhe oportunidade ao menos de dizer o que pensa dos seus mestres, do seu curso e da sua Instituição.

Em síntese, currículo será uma verdadeira viagem que os alunos fazem, junto com seus professores, no carro (currus) da Instituição, a caminho de uma missão que ele tem a desempenhar na comunidade, alcançando assim sua plena realização, como profissional e como ser humano. Nessa viagem, cada um se questiona e se reformula, numa postura modesta de busca do melhor, para seu próprio bem-estar e para o bem-estar da coletividade.

2. ETAPAS

Uma das exigências de um bom trabalho dessa natureza é que exista a oficialização do grupo de currículos por parte do Departamento e do Centro, para que suas ações representem, oficialmente, uma atividade comissionada pelo Colegiado e não algo estante. Isso é imprescindível, para que o grupo, em cada Departamento, tenha autoridade e força moral na sua atuação entre os colegiados e até para que seu tempo seja computado no plano de trabalho do semestre.

Cada Departamento caminhará de acordo com o grau de diversidade que lhe é inerente e de acordo com os avanços já conquistados nessa tarefa. Enquanto alguns estão esboçando suas primeiras reflexões, outros encontram-se mais adiantados e esse descompasso deve ser levado em consideração.

De modo geral, todavia, os seguintes passos são propostos aos diferentes departamentos para essa tarefa de reformulação:

- 1.º — Caracterizar os tipos de clientes do profissional a ser formado;
- 2.º — A partir daí, definir as linhas filosóficas do curso;
- 3.º — Traçar o perfil profissional, que deve ter o recém-formado;

- 4.º — Esboçar uma estrutura de conhecimento, que caracterize o curso;
- 5.º — Definir as atitudes e posturas indispensáveis, tendo em vista a caracterização da clientela, no contexto em que o profissional atuará, seus direitos, reivindicações e necessidades imediatas;
- 6.º — Estabelecer os procedimentos metodológicos para as diferentes disciplinas, de acordo com seus respectivos objetivos e conteúdos;
- 7.º — Compatibilizar os pontos de vista dos docentes e discentes, tendo sempre em vista a clientela;
- 8.º — Montar uma estrutura de curso para ser experimentada durante um ou dois anos e acompanhar essa estrutura no mencionado período.

3. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS

Para se chegar a uma reformulação curricular, que se aproxime das etapas supracitadas, é indispensável estabelecer, previamente, um processo de avaliação global, como instrumento de informação sobre o contexto de cada curso e suas reais necessidades de mudança. O planejamento pressupõe a avaliação e a orientação.

Um processo de avaliação nos moldes acima especificados deveria levar em consideração, alguns objetivos explícitos, tais como:

“Analisar até que ponto os cursos de graduação (...) estão reproduzindo conhecimentos e capacitando pessoal para uma reflexão crítica e atendimento das necessidades da população, via prestação de serviços à comunidade.

“Analisar a inter-relação cursos/serviços/comunidade buscando os elementos que favorecem e/ou dificultam a efetiva integração (...)

“Identificar as condições reais das comunidades locais, dos serviços e dos cursos, via utilização de dados secundários.

“Caracterizar os serviços públicos e próprios locais destinados à área (... .) em termos de seus aspectos estruturais e em relação às necessidades e expectativas de seus principais agentes...

“Confrontar as informações obtidas para detectar possíveis distorções, acertos, desacertos, dificuldades e perspectivas”. (2)

Além disso, devem ser levadas em conta outras estratégias, tais como: identificar e efetivar “todas as possibilidades de vinculação

(2) Objetivos constantes do Projeto de Avaliação dos Cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior do Norte e Nordeste, elaborado no III Encontro de Pró-Reitores Acadêmicos das Instituições de Ensino Superior dessas duas regiões.

entre a Universidade e as chamadas realidades da sociedade, partindo-se da concepção de que a Universidade pertence à sociedade que a gera e sustenta”. (3)

As táticas aplicáveis, a nível de curso ou de departamento, envolvem atividades diferentes: seminários, comissões de estudos, mesas-redondas, reuniões de diferentes tipos, com o fito de alcançar os objetivos. E a linguagem deve adaptar-se às diferentes áreas.

4. PROPÓSITOS

O propósito maior da reformulação curricular é montar uma estrutura capaz de atender melhor as finalidades de cada curso. Essa estrutura deve ser experimentada e reajustada durante alguns períodos letivos e permitir flexibilidade para constantes reajustes, após sua implantação. Estando o Brasil em clima de Constituinte e reformulação universitária, não se poderia esquecer que um plano dessa dimensão, deve buscar subsídios a serem fornecidos para a reestruturação das demais IES, nas diversas áreas.

A nível terminal espera-se uma “mudança nas especificações e características do produto de cada curso e de cada profissão...”, de tal modo que cada um deles possa, da melhor maneira possível, “contribuir para a satisfação das necessidades (...) e interesses de toda a sociedade”. (4)

Espera-se obter, em consonância com o mesmo projeto, uma reformulação que viabilize o ensino inserido “na estrutura dos serviços (...)” prestados à coletividade, “possibilitando vivências práticas na realidade concreta, que venham definir os conteúdos curriculares e a formação de conhecimentos e críticas para a transformação da sociedade”. (5)

CONCLUSÃO

Com base nos pressupostos sugeridos, é necessário que cada curso estabeleça uma relação de objetivos norteadores da ação curricular e dos passos a serem dados no processo de reformulação.

Respeitadas as peculiaridades de cada curso e os posicionamentos adotados pela comunidade acadêmica, pode-se sugerir uma relação de objetivos gerais, que indicarão as grandes linhas da ação

(3) *Id. ibid.*

(4) *Id. ibid.*

(5) *Id. ibid.*

a ser desenvolvida e a partir dos quais emergirão os objetivos específicos:

- 1). Realizar ampla discussão sobre o currículo do curso, seus objetivos, processos e metodologia.
- 2). Obter uma integração docente-discente, numa perspectiva de maior participação no processo curricular.
- 3). Promover o desenvolvimento de uma visão crítica sobre o ensino do profissional da área.
- 4). Avaliar a adequação do ensino ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos.
- 5). Propor estratégias de reformulação curricular com base na avaliação realizada entre o nível do ensino e o dos alunos e na avaliação de contexto realizada na área.
- 6). Discutir e desenvolver uma proposta curricular global para o curso, envolvendo dentre outros fatores: os conteúdos e a integração entre os aspectos técnicos, humanísticos e políticos do processo educativo.

CONCLUSÃO